

A Porta

Magda Szabó

infrínseca



A porta

Magda Szabó

Tradução de

Edith Elek



Copyright © Magda Szabó, 1959
Todos os direitos reservados.

Título original
Az ajtó

Preparação
Gabriel Demasi

Revisão
Juliana Pitanga
Leticia Feres

Diagramação
Tanara Vieira

Design de capa
Bel Moura

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S991p

Szabó, Magda, 1917-2007
A porta / Magda Szabó ; tradução Edith Elek. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Intrínseca, 2021.
256 p. ; 21 cm.

Tradução de: Az ajtó
ISBN 978-65-5560-219-7

1. Romance húngaro. I. Elek, Edith. II. Título.

21-70689

CDD: 894.5113

CDU: 82-31(439)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

[2021]
Todos os direitos desta edição reservados.
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

1ª edição
JULHO DE 2021
impressão
CROMOSETTE
papel de miolo
PÓLEN SOFT 70G/M²
papel de capa
CARTÃO SUPREMO ALTA ALVURA 250G/M²
tipografia
ADOBE GARAMOND

A porta

Eu raramente sonho. Mas quando acontece, acordo assustada, ensopada de suor. Então volto a me deitar, espero meu coração se acalmar, enquanto medito sobre o irresistível poder mágico da noite. Na minha infância e na minha juventude eu não tinha sonhos, nem bons nem maus, apenas a velhice arrasta em minha direção os aluviões do passado, esse horror cada vez mais compactado, mais assustador por ser tão impenetrável, essa tragédia, na realidade, jamais vivida, que me faz acordar aos gritos.

Meus sonhos são sempre exatamente iguais, visões recorrentes, eu sempre tenho o mesmo sonho.

Estou em pé diante da porta de entrada de casa, no final da escada, do lado de dentro, vejo a esquadria de ferro reforçada com tela de arame, com vidro à prova de arrombamento, e tento abrir a fechadura. Lá fora, uma ambulância está estacionada, e percebo através da janela a silhueta borrada dos enfermeiros, enormes, de tamanho sobrenatural, com rosto inflado, envolto por um halo, como a lua. A chave gira na fechadura, mas, por mais que me esforce, não consigo abrir a porta e, no entanto, devo deixar entrar os socorristas, senão será tarde demais. Mas a fechadura nem se abala, a porta permanece impávida como se estivesse fundida em sua estrutura de ferro. Grito por socorro, mas nenhum dos moradores do prédio de três andares presta

atenção em mim, eles nem poderiam, pois me dou conta de que só mexo a boca, como um peixe, não sai nenhum som, o auge de desespero do sonho é saber, bem lá no fundo, que não apenas não consigo abrir a porta para o socorro entrar mas que também fiquei muda. O meu próprio grito é que me acorda nessas ocasiões, acendo a luz, tento superar a falta de ar que me acomete depois do sonho, em torno de mim estão nossos móveis familiares do quarto, sobre o espaldar da cama a iconografia familiar, meus parentes maternos e paternos, vestidos com dólmas cheios de passamanarias, em estilo húngaro barroco ou Biedermeier, meus antepassados que viam e entendiam tudo, as únicas testemunhas de quantas vezes corri durante a noite e abri a porta para ambulâncias e resgates, quantas vezes imaginei – de madrugada, enquanto as ruas estavam silenciosas em lugar dos ruídos do dia, apenas o farfalhar de um galho seco ou passos sorrateiros de gatos pelo portão escancarado – como seria se alguma vez eu tivesse lutado com a chave em vão, e ela não virasse na fechadura.

Esses retratos tudo sabem, principalmente que mais quero esquecer e não é um sonho: uma vez, uma única vez em minha vida, não durante a anemia cerebral do sono, mas sim na realidade, uma porta se colocou diante de mim, a qual a pessoa que estava lá dentro não teria aberto, pois protegia a visão de seu abandono e terrível estado físico, ainda que o telhado sobre sua cabeça já ardesse em chamas. Eu era a única que tinha o poder de mover aquela fechadura: a pessoa que girou a chave acreditava mais em mim do que em Deus, e eu também pensava assim, que, naquele instante fatal, eu era Deus, sábia, ponderada, boa e racional. Nós duas estávamos enganadas, ela, que tinha confiança em mim, e eu, que pecava por excesso de presunção. De qualquer modo, agora não importa mais, porque o que já aconteceu não tem reparação. Então, que venham, uma vez ou outra, essas Erínias, com seus sapatos de enfermeiro em forma de coturno, sua máscara trágica e touca de profissional de saú-

de, que montam guarda em torno de minha cama brandindo sua espada de dois gumes, os meus sonhos. Apago a luz a cada noite esperando por elas, me preparando para ouvir o estridente soar da campainha que fará avançar esse horror inominável em direção à porta de meu sonho, que jamais se abrirá.

Minha religião não reconhece a prática da confissão individual, nós reconhecemos nossos pecados por meio da palavra do pastor, somos pecadores e passíveis de castigo, pois nós pecamos de todas as maneiras possíveis contra os mandamentos. Somos absolvidos sem que Deus exija de nós explicações ou detalhes.

É isso que farei aqui.

Este livro não foi escrito para Deus, que conhece minhas entranhas, nem para as sombras, que são testemunhas de tudo e me observam a todo instante, nas horas de vigília ou de sono, mas sim para os homens. Vivi com coragem, espero morrer da mesma forma, com coragem e sem mentir, mas, para isso, é preciso que eu diga: fui eu que matei Emerenc. Eu queria salvá-la, e não matá-la, mas não faz a menor diferença.

A contratação

Na primeira vez em que negociamos, eu queria ver seu rosto, e ela me deixou constrangida por não me dar nenhuma oportunidade. Ela estava em pé diante de mim como uma estátua, imóvel, não numa posição rígida, bastante relaxada até, eu mal via sua testa, ainda não sabia que nunca a veria sem um lenço na cabeça a não ser em seu leito de morte. Ela sempre usava véu, como uma católica fervorosa ou uma judia no dia do Shabat que foi impedida de se apresentar diante do Senhor com a cabeça descoberta. Era um dia de verão, sem nenhum motivo para se abrigar, estávamos no jardim, no começo da noite, sob um céu tingido de violeta, e ela não combinava com as rosas ao seu redor. Às vezes nós temos essa intuição, qual flor uma pessoa seria se nascesse como flor. Ela, com certeza não seria uma rosa; o desabrochar quase impudico de carmim parece bem pouco inocente. Logo senti que aquela não seria a flor de Emerenc, mesmo sem saber nada sobre ela, menos ainda a flor que a representaria.

O lenço que cobria seu rosto produzia uma sombra sobre os olhos, que, mais tarde descobri, eram azuis. Queria saber de que cor eram os cabelos, mas esses ela sempre escondeu enquanto teve consciência de si. Vivemos minutos importantes nesse começo de noite, ambas precisávamos decidir se poderíamos aceitar uma à outra. Morávamos haviam poucas semanas no novo apartamento, bem maior que o anterior, que tinha

apenas um quarto e era mais fácil de limpar, eu não precisava de ajuda, mas minha carreira, congelada nos últimos dez anos, acabara de recomeçar, e aqui, neste novo lugar, passei a ser novamente escritora em tempo integral, com possibilidades crescentes e inúmeras situações que me prenderiam à escrivaninha ou exigiriam minha saída de casa.

Então, por isso estava naquele momento em pé, no jardim, diante dessa velha emudecida, pois já ficara claro que se alguém não tomasse de minhas mãos as tarefas da casa, mal poderia publicar tudo que armazenara nos meus anos de silêncio nem poderia trazer à vida o que eu ainda tinha a dizer. Quando terminamos a arrumação dos livros nas estantes e ajeitamos nossa frágil mobília, que precisava ser manuseada com precaução, imediatamente comecei a procurar uma empregada. Perguntei a todos os conhecidos do bairro, finalmente uma antiga colega de escola resolveu nossos problemas, ela disse que uma velha mantinha a casa da irmã dela havia anos, que valia mais do que qualquer jovem, ela a indicava de todo coração, desde que estivesse disponível. Ela garantia que essa pessoa não poria fogo na casa com seu cigarro, não teria problemas com homens, não levava nada embora, talvez até trouxesse coisas se gostasse de nós, porque ela adorava presentear. Nunca teve marido nem filhos, um sobrinho vinha visitá-la regularmente, assim como um policial, todo mundo gosta dela no bairro. Falava sobre a mulher com calor humano e respeito, contou que Emerenc também era zeladora, portanto, era uma personagem quase oficial, e esperava que nos aceitasse, porque se não agradássemos a ela, não haveria dinheiro que a fizesse aceitar o trabalho.

Os primeiros passos não foram promissores, a própria Emerenc não se mostrou nada afável quando lhe pedi que viesse, assim que possível, para conversarmos um pouco. Eu a encontrei no pátio do prédio onde ela era zeladora – ela morava perto de nós, tão perto que de nossa varanda eu via onde morava. Naquele momento ela começava a lavar uma quantidade enorme

de roupas, com apetrechos antiquados, fervia a roupa de cama dentro de um caldeirão, num fogareiro ao ar livre, e erguia os lençóis com grandes colheres de pau, em meio a um calor que já era, por si só, insuportável. O fogo a iluminava, era alta, ossuda, ainda forte, apesar de velha, tal qual uma Valquíria, o lenço na cabeça amarrado de tal forma que lembrava um elmo de guerra.

Concordou em me procurar, por isso nos encontrávamos ali, em pé, no jardim, naquele final de tarde. Ela me observava calada enquanto eu explicava quais seriam suas tarefas na casa, e, enquanto eu falava, me dei conta de que jamais acreditei em escritores de séculos passados, quando, em meio a um grande romance, comparavam a expressão de um personagem a um lago. Fiquei envergonhada, como tantas outras vezes, por ousar duvidar dos clássicos: o rosto de Emerenc simplesmente não era comparável a nada além da superfície lisa de um espelho de água na madrugada. Eu não sabia o quanto minha oferta a interessava, ela não necessitava nem de emprego nem de dinheiro, isso se percebia logo, a mim é que seria terrivelmente importante que ela aceitasse, porém, aquele rosto lacustre, sombreado pelo lenço que parecia um acessório ritual, demorou a expressar qualquer som. Nem quando finalmente respondeu ela levantou a cabeça: é possível que voltemos a conversar pois uma das casas em que trabalha se tornara um ambiente desagradável, o marido e a mulher bebem, o filho mais velho era um depravado, ela não quer mais ficar com eles. Se alguém nos recomendasse e conseguisse convencê-la de que nesta casa ninguém é briguento nem bebe, seria possível conversar sobre o negócio. Eu a ouvi, pasma, era a primeira vez que alguém exigia referências nossas.

– Eu não lavo a roupa suja de qualquer um – disse Emerenc.

Sua voz era um soprano límpido. Já devia morar havia tempos na capital, pois, se eu não tivesse me formado em linguística, não teria percebido em suas vogais a provável origem das minhas próprias raízes interioranas. Perguntei se ela também era da região de Hajdú, pensei que ficaria contente com a pergunta, mas

apenas anuiu com a cabeça, sim, ela veio de Nádor para a cidade grande, mais exatamente do povoado de seu irmão, Csabad, mas mudou rápido de assunto como quem quer sinalizar que não deseja falar sobre o tema. Assim como tantas outras coisas, isso também só ficou mais claro depois de anos, a pergunta lhe pareceu invasiva e impertinente. Emerenc não estudou Heráclito, ainda assim sabia mais das coisas do que eu, que sempre que possível retornava à cidade natal, procurando o que desaparecera, o irrecuperável, a sombra das casas que tombaram em meu rosto algum dia, meu lar perdido da infância e, claro, não encontrando nada, pois por onde correria aquele rio cujas águas carregavam em suas gotas os cacos de minha vida? Emerenc era mais sábia, não experimentava nada impossível, reservava sua energia para o factível no futuro em nome do passado, mas é claro que só fui compreender o todo mais tarde.

Naquele dia, quando ouvi pela primeira vez o nome dos dois lugarejos, Nádor e Csabad, percebi que não deveria mais pronunciá-los, que, por algum motivo, essas duas palavras eram tabus. Se de fato eram, falemos de coisas mais reais. Pensei que nossa combinação seria por hora trabalhada, seria mais vantajoso para ela, mas por enquanto ela não queria tomar decisões, me informou. Ela decidiria quanto a pagaríamos quando já tivesse uma opinião sobre nós, quando soubesse se éramos desleixados, bagunceiros, quanto trabalho ela teria. Procuraria se informar a nosso respeito – não com a minha colega de escola, ela seria suspeita –, quando conseguir, mesmo no caso de resposta negativa, ela entrará em contato. Apenas a observei enquanto se afastava sem pressa, houve um momento tentador em que pensei, essa velha é tão singular, talvez fosse mais conveniente para todos se não aceitasse o emprego, ainda não é tarde, vou chamá-la para dizer que mudei de ideia. Não a chamei. Emerenc retornou depois de uma curta semana, é claro que a encontrei na rua mais de uma vez, ela apenas cumprimentava e passava por nós, como quem não quer antecipar a decisão

nem fechar uma porta que sequer fora aberta. Quando tocou a campainha, vi que estava vestida com sua melhor roupa, logo entendi o significado de seu traje, caminhei ao seu lado, um pé depois do outro, um pouco constrangida pela quase indecência do meu vestido de verão. Ela usava preto, um vestido de lã de boa qualidade, de mangas longas, sapatos de verniz e, como se retomasse a conversa de onde tínhamos parado, informou que no dia seguinte começaria a trabalhar e lá para o fim do mês poderia me dizer quanto seria o pagamento mensal. Enquanto isso, olhava fixamente para meus ombros desnudos, fiquei contente que ela pelo menos não encontraria motivos para fazer objeções ao meu marido, sentado de paletó e gravata, debaixo do sol de trinta graus, mesmo em dias escaldantes ele não modificava seus hábitos adquiridos antes da guerra, na Inglaterra. Ambos, ali ao meu lado, estavam vestidos como se quisessem dar o exemplo a um povoado originário, ao qual eu pertencia, e inculcar nele respeito pelos sinais externos de dignidade humana. Se havia alguém no mundo parecido com meu marido no que diz respeito a certas normas, era Emerenc, e esse foi o provável motivo pelo qual, durante muito tempo, não conseguiram se aproximar.

A velha estendeu a mão a ambos, depois evitou qualquer contato físico comigo, se eu fazia um gesto em sua direção, ela empurrava minha mão, como se espantasse uma mosca, embora naquela noite ela não tivesse ido para começar a trabalhar, isso não seria digno ou decoroso: Emerenc tinha ido aceitar o trabalho. Ao se afastar, se despediu de meu marido nestes termos: “Desejo boa noite ao patrão.” Ele a observou um pouco espantado, não havia no mundo outra pessoa com a qual combinasse tão pouco essa linda palavra. De qualquer modo, o chamou assim até a sua morte, com o tempo meu marido se acostumou ao novo nome e passou a responder quando chamado.

* * *

Uma escritora culta, com uma relação nebulosa com as autoridades comunistas na Hungria pós-Segunda Guerra Mundial, contrata Emerenc — camponesa, analfabeta, impassível, bruta e de idade indefinida — como sua governanta.

Emerenc mora sozinha em uma casa onde ninguém pode passar da porta de entrada, nem mesmo seus parentes mais próximos. Ela assume o controle do lar da patroa, tornando-se indispensável, experimentando um tipo de amor — pelo menos até o tão desejado sucesso da escritora trazer à tona uma revelação devastadora.

A força sobre-humana de Emerenc, sua disposição para ajudar os outros e fragmentos de sua biografia dolorosa constroem o mosaico do que parece uma existência transpassada por segredos. Na relação de dependência desenvolvida entre as protagonistas se encerram dúvidas e mistérios sobre a personalidade daquela que personifica um país que já não existe mais.

A cada nova informação sobre a excêntrica governanta, emerge o cenário de uma Hungria ocupada e dividida, e até a relação de Emerenc com seus pertences é questionada. Teria roubado dos judeus ou ganhado os bens de uma família judia que ela havia ajudado a fugir? Quem é essa mulher e por que ela está fechada a qualquer intimidade com seus patrões? Todas as possibilidades são plausíveis até que as portas, metafóricas e literais, sejam, por fim, abertas.

Em um romance revelado tardiamente ao grande público, mas muito debatido e elogiado pela crítica, Magda Szabó oferece uma visão generosa sobre táticas de sobrevivência, sobre tudo o que pode ser dito no silêncio e sobre o papel da autenticidade

SAIBA MAIS EM:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1069/>